Na década de 40 só existia mato. Hoje ele ganha até um sofisticado shopping.

Chame-Chame tem tudo que um bairro precisa

Com toda infra-estrutura necessária para seu pleno funcionamento, o Chame-Chame, bairro de classe média alta, possui, hoje, todas as condições necessárias de um bairro independente. Não faltam padarias, supermercados, transportes e tudo mais para os moradores que aguardam, com ansiedade, a inauguração de mais um marco na vida do local: o Shopping Center, que está em fase final de construção e que irá transformar o bairro num grande centro comercial, embora trazendo vários problemas, como a confusão no trânsito.

Mesclado de antigas casas de dois pavimentos, um intenso comércio e muitos edifícios modernos, o Chame-Chame abriga, hoje, segundo as estimativas dos moradores mais antigos, uma população flutuante de cerca de 100 mil pessoas, sem contar com os dois bolsões de moradores de baixa renda do Calabar e da Roça da Sabina, que também dão sua contribuição ao bairro com sua mão-de-obra específica. Mesmo assim, para a maioria dos moradores o Chame-Chame é um bairro privilegiado e sem grandes problemas.

A história contada pelos seus antigos moradores, como Severino Agra, comerciante, demonstra o carismo, do bairro que, até a década de 40, não passava de um grande "brejo, cheio de invasões". Segundo ele, o Chame-Chame pouco tempo depois começou a ganhar algumas casas que serviram para abrigar a elite baiana nas temporadas de veraneio. "Eram pessoas que, na época, moravam em bairros nobres, como Bonfim, Ribeira, Nazaré e Barris, entre outros".

Algum tempo depois, o Chame-Chame se transformou em um bairro residencial, "uma espécie de extensão da Graça e até mesmo o tipo de construção era semelhante". Casas de dois pavimentos, numa arquitetura colonial moderna que ainda hoje resiste à especulação imobiliiária.

Um exemplo vivo dessa época pode-se observar na rua Afonso Celso onde ainda hoje 90% das casas apresentam o mesmo estilo. Coincidentemente, com a duplicação da avenida Centenário, o Chame-Chame passou a fazer o papel de elo de ligação entre o bairro do Canela e o da Barra e com a especulação imobiliária, toda a área se tornou cobiçada pelos construtores baianos. Em pouco tempo surgiu o primeiro conjunto residencial do bairro, o Frederico Schmitd, localizado na rua do mesmo nome e que liga o bairro ao Jardim Brasil.

Segundo a "lenda" que corre no bairro, o nome Chame-Chame se deve aos primeiros moradores de baixa renda que foram se instalar perto do antigo "brejo". Como os maridos, caixeiros viajantes, passavam a maior parte do tempo fora, suas mulheres, depois de enfrentarem meses de "solidão", interpelavam todos os homens que passavam em frente às casas, e aí surgiu a seguinte expressão: "Chame-Chame".

Shopping Center vai trazer mudanças

Cresce a cada dia que passa a expectativa dos moradores do Chame-Chame com a inauguração de outro Shopping Center no bairro, desta vez, um dos maiores do Brasil. Sob o olhar curioso e atento dos moradores, as obras são acompanhadas passo a passo e há aqueles minuciosos que dão conta de quantos tapumes são retirados por dia, o atraso de algum serviço e até da necessidade de algum tipo de mão-de-obra específica anunciada na tabuleta.

Mas os moradores ainda recordam, com um certo desgosto, o início das obras, quando os vizinhos mais próximos da construção mal podiam dormir de tão grande que era o barulho, a poeira e a lama provocada com as escavações do morro. Foram tantas as queixas que a construtora passou a lavar diariamente toda a área. Resolvido o problema, outros apareceram e como, a obra abrigava um terreno muito grande, os moradores denunciaram que malandros a assaltantes se escondiam no terreno, ameaçando a segurança para todos.

"Uma vez inaugurado o shopping, o bairro vai ganhar mais vida", afirma Silvio Agra, 33 anos e morador do bairro desde criança. Mas ele mesmo argumenta que os problemas deverão surgir no tráfego, já que o escoamento dos veículos é muito precário. "Vamos com isso chamar a atenção da prefeitura e até poderemos ganhar mais fiscalização e segurança", disse. A ansiedade maior da comunidade são os pontos de lazer que o shopping irá proporcionar. Acostumados sem nenhuma praça para as crianças e a depender dos cinemas em outros bairros, eles não vêem a hora do shopping começar a funcionar.

Os comerciantes também já aceitam o novo "aliado". O comércio atual, segundo Silvio Agra, não vai perder com o shopping, mas uma ameaça está surgindo para os donos das bancas de revistas da região. Já circula, de boca em boca, que a administração do shopping está querendo retirar todas as nove bancas espalhadas pelas imediações para evitar uma descaracterização e mesmo uma concorrência. Muitos proprietários não estão acreditando na transferência. Preferindo, ainda, não "prestar nenhuma declaração sobre o assunto", o proprietário de uma banca, localizada em frente ao futuro shopping, garantiu que de lá não vai sair, a não ser que a prefeitura o obrigue.